



Riobotz: uma ideia à frente e muitos prêmios

Uma década comemorada com recordes na RoboGames

Em dez anos de existência, a equipe universitária da PUC-Rio carrega um legado de sucesso em competições de robótica. Ao todo são 94 medalhas consagradas em batalhas nacionais e internacionais. O grupo brasileiro participou mais uma

vez da RoboGames 2013, maior competição mundial de robótica, realizada na Califórnia, na qual quebrou recordes: conquistou o segundo lugar no ranking geral de medalhas. Inovação é a busca constante da equipe a cada competição,

que procura novas ferramentas para vencer desafios. A grande novidade foram os humanoides, entre eles o robô Psy Volt, que encantou o público dançando ao ritmo de samba, hip hop e o sucesso mundial Gangnam Style. **PÁGINA 3**

FLAVIA ESPÍNDOLA



A equipe da Riobotz mostra os robôs usados na competição e as medalhas de ouro que homenagearam o famoso robô do filme 'Star Wars' C-3PO

Novo espaço para a Escola Médica

De casa nova, a Pós-Graduação, que oferece cursos em 53 especialidades de saúde, comemora 60 anos. Com laboratórios e ambulatorios que irão atender comunidades ao redor da Universidade, a Escola Médica terá um espaço próprio na Gávea. O decano do Centro de Ciências Biológicas e Medicina, Hilton Koch, aposta em novas tecnologias para renovar o curso. **PÁGINA 5**

Concurso de poesia revela jovens autores

Seis alunos de Graduação tiveram um texto selecionado pela Cesgranrio, organizadora do concurso que deu origem ao livro *Novos talentos da poesia*. No total, a obra tem assinatura de 53 autores, responsáveis pela escolha das instituições de ensino e bibliotecas para onde os três mil exemplares dos textos serão destinados. A atriz e poetisa Elisa Lucinda, durante o lançamento da obra, recitou seis poesias do livro. **PÁGINA 4**

O que fazer na entrevista de emprego

PÁGINA 10

Sal: o vilão presente na mesa

Para saciar o prazer degustativo, as pessoas ingerem sal exageradamente, porém, elas não têm consciência do quanto essa substância faz mal para a saúde. O consumo excessivo é o principal causador da hipertensão arterial, levando a problemas mais sérios, como acidentes vasculares cerebrais e ataques cardíacos. Para o cardiologista, professor Roberto Bassan, a sociedade deve passar por um processo de reeducação alimentar. **PÁGINA 7**

Super-heróis de bilheteria e público

A safra de longas-metragens que transformam super-heróis em estrelas de cinema cresceu nos últimos dez anos, para a alegria dos leitores de quadri-

nhos. O Super-Homem, que completa 75 anos este ano em boa forma, protagonista de *O Homem de Aço*, é um exemplo. **PÁGINA 11**

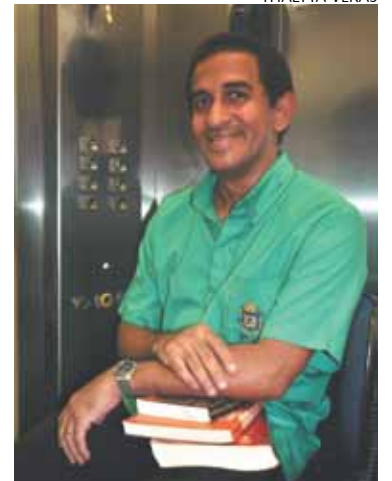
DIOGO MADUELL



O ascensorista da PUC que cultiva o hábito da leitura

Francisco das Chagas Pereira, ascensorista da PUC há dois anos, é um leitor assíduo desde criança. O gosto pela leitura começou no ambiente familiar e na escola, quando ainda morava no Piauí. Hoje, um de seus autores preferidos é Machado de Assis. Atualmente, ele divide o tempo entre os livros, o serviço noturno em um dos elevadores do Edifício Kennedy e o trabalho de meio período em um restaurante no bairro do Flamengo. **PÁGINA 8**

THALYTA VERAS



Francisco: paixão pela literatura

REITOR

Nesta edição, o Reitor da PUC-Rio, padre Josafá Carlos de Siqueira, S.J., trata sobre os desafios do mundo universitário, que deve manter um equilíbrio entre reflexões, pesquisas e soluções para os problemas globais e locais. **PÁGINA 2**

REITOR

Reflexões sobre o mundo acadêmico (II)



O campus universitário é um espaço privilegiado para a convergência de muitos problemas da sociedade, fazendo com que o exercício da razão mantenha uma permanente sensibilidade e abertura para a reflexão de temáticas emergentes. Aberta para acolher as demandas da sociedade, a universidade brasileira vem rompendo as barreiras intramuros, incorporando à estrutura acadêmica as questões socioambientais de nossos tempos. Passamos do puro academicismo para um pragmatismo empreendedor e inovador, atendendo às demandas do mercado e o suprimento das carências de profissionais na sociedade. Esta flexibilidade do mundo acadêmico é algo extraordinário, embora devamos buscar um equilíbrio para não enfatizar de maneira demasiada a racionalidade operacional e de resultados imediatos, em detrimento da racionalidade axiológica e reflexiva. A universidade não pode furtar-se ou colocar em segundo plano a sua missão de construção de saberes, contribuindo intelectualmente para a formação crítica e profunda do pensamento e das ideias.

Um dos desafios do

mundo universitário, consiste em manter a aporia permanente entre reflexões, pesquisas e soluções para os problemas globais e locais. No mundo globalizado a universidade tem que se abrir para a internacionalidade e o diálogo com outras instituições, numa busca permanente das questões que inquietam a sociedade global. Por outro lado, temos o dever ético de responder aos apelos de nossa realidade local onde estamos inseridos, levando em conta não apenas o nosso entorno geográfico mais limitado, mas também às questões regionais de caráter humanístico, social, técnico e ambiental. Neste sentido podemos afirmar que a universidade é uma instituição capaz de agregar, tanto o globalismo como o localismo.

Parabolicamente podemos tomar como imagem o exemplo de uma árvore, para entendermos melhor a nossa identidade, onde raízes e ramos estão unidos numa missão comum. Uma universidade deve ter raízes na sociedade local, abrindo-se para as temáticas, problemas e soluções do contexto geográfico onde estamos inseridos, pois, do contrário, podemos nos transformar

em estruturas “abstratas”, excelentes em questões universais de nossas ciências, porém, distantes dos processos e apelos regionais e locais. Nossas raízes estão inseridas nesse chão concreto, embora nossos ramos devam estar acima para aspirar valores maiores e universais, na busca permanente da verdade. A universalidade da ciência e o compromisso com a verdade são ramos que fazem parte da identidade da universidade. Não temos como fugir dessa aporia entre a universalidade e a regionalidade, pois somos ao mesmo tempo raízes e ramos.

Hoje, mais do que em outras épocas, vivemos esta integração entre questões globais e locais, colocando para a universidade a missão de pensar e agir globalmente e localmente. Tudo o que é pensado e vivido no território local repercute mundialmente, assim como tudo o que acontece planetariamente produz ecos e efeitos na territorialidade limitada de nossas instituições. Saber administrar e conviver com estas diferentes escalas é um desafio permanente de nossas instituições de ensino superior.

■ PE. JOSAFÁ CARLOS DE SIQUEIRA, S.J.
REITOR DA PUC-RIO

OBITUÁRIO

Silvia Maria Murtinho (1951-2013)

DIVULGAÇÃO



A personalidade forte era algo marcante para quem conhecia Silvia Maria Murtinho. Ela estava sempre presente nos almoços e nas comemorações com os amigos. Mas, com a morte repentina, no dia 30 de abril, os colegas de trabalho ainda estão chocados e consternados e, garantem, ainda vão demorar a se acostumar com a falta dela nos encontros da equipe.

Silvia era supervisora de divisão da parte de Serviços Gerais do Campus da PUC e do Campus Avançado, o que inclui os serviços de limpeza e conservação, correio interno, equipe de transporte de materiais e arrumação de locais para eventos, serviços de dedetização, parques e jardins, lixo extraordinário.

Desde maio de 2003 ela comandava o grupo de 34 funcionários para manter a organização do campus. Os amigos a descrevem como uma pessoa que era determinada, sincera, justa e, acima de tudo, companheira. Apesar de exigente, era vista como uma pessoa divertida. A causa da morte não foi divulgada. Silvia tinha 62 anos e deixa três filhos.

ISADORA CABRAL

Vera Lucia Gonçalves Moreira (1956-2013)

DIVULGAÇÃO



Considerada uma funcionária exemplar da PUC-Rio, Vera Lucia Gonçalves Moreira começou como secretária do Decanato do CTC, em junho de 1983. Já como assessora do Ciclo Básico do CTC, trabalhou com a coordenadora do Ciclo Básico, Leila Vilela, e com a Vice-Decana de Graduação, Noemi Rocque.

Vera nasceu no dia 18 de novembro de 1956, e tinha enorme gosto pela dança, que era uma das suas atividades favoritas. Por cinco anos, deu aulas com o marido João Rodrigues, no Ginásio da PUC-Rio. Segundo os amigos, ela

era uma mulher alegre e bem disposta. Muitos a definiam como uma pessoa “pra cima”.

Mãe de duas filhas, Vera se tornou avó muito jovem. A primeira neta tem 12 anos e a segunda está a caminho - uma das filhas está grávida. Vera travou uma longa luta contra o câncer, diagnosticado em 2007, que a fez se afastar do trabalho nos dois últimos anos para realizar um tratamento médico. Sem histórico de câncer na família, Vera estava surpresa e desanimada quando descobriu, mas criou fé e determinação para enfrentar o problema, segundo João Rodrigues. Ela procurou não interferir na rotina: continuava a praticar exercícios e a sair para dançar nos fins de semana.

Após seis anos, foi vencida pela doença no dia 12 de abril. Amigos afirmam que, apesar das diversas dificuldades pessoais, ela transmitia positividade e amor pela vida.

ISADORA CABRAL

ASSOCIAÇÃO DOS ANTIGOS ALUNOS DA PUC-RIO

Via de mão dupla

O título desse breve texto é uma tradução literal da expressão inglesa “a two-way street”. No meu modo de ver a Associação de Antigos Alunos da PUC-Rio teria que ser como uma “via de mão dupla”. Isto é, ela precisa ser significativa tanto para a PUC, como para os ex-alunos, e beneficiar ambas as partes.

Se a AaA tiver que trazer benefícios só para a PUC, não seria necessário que fosse uma associação independente, com personalidade jurídica própria. E se tivesse sido fundada para beneficiar unicamente os antigos

alunos, não seria necessário que tivesse sede na PUC, nem que os estatutos da PUC atribuíssem a um Vice-Reitor a tarefa de “coordenar” essa Associação.

A Associação de Antigos Alunos já deu muitos passos significativos. Têm-se criado mais canais de informação e comunicação entre a PUC e a AaA; têm-se organizado atividades em benefício dos antigos alunos; um grupo de ex-alunos está se esforçando para conseguir mais recursos para a PUC, etc.

Mas a Associação e a PUC poderiam avançar, a partir

daqui, e reforçar essa mútua relação. Como tornar essa Associação mais relevante e significativa para ambas as partes? O que a PUC pode fazer pelos seus antigos alunos? Que podem eles fazer pela PUC? Como reforçar ainda mais a identidade dessa Associação?

Essas são perguntas cujas respostas exigiriam uma maior reflexão de ambas as partes e poderiam reforçar a AaA como uma “via” verdadeiramente “de mão dupla”.

■ PE. FRANCISCO IVERN, S.J.
VICE-REITOR DA PUC-RIO

JORNAL DA PUC

Publicação quinzenal editada pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

Coordenador-Geral: Prof. Miguel Pereira. Coordenadora-Administrativa: Rita Luquini. Jornalista Responsável: Profª. Julia Cruz (MTE 19.374). Editora: Profª. Julia Cruz. Subeditora e Chefe de Reportagem: Profª. Adriana Ferreira. Projeto Gráfico e diagramação: Profª. Mariana Eiras. Fotografia: Prof. Weiler Finamore Filho. Ilustração: Prof. Diogo Maduell. Conselho Editorial: Professores Adriana Ferreira, Angeluccia Habert, Augusto Sampaio, Carmen Petit, Cesar Romero Jacob, Cristina Bravo, Fernando Ferreira, Fernando Sá, Julia Cruz, Lilian Saback, Mariana Eiras, Rita Luquini. Anúncios produzidos pela Agência de Propaganda da PUC-Rio. COMUNICAR - Redação e Administração: Rua Marquês de S. Vicente, 225, S/401-K, 22451-900, Gávea, RJ. Telefone: 3527-1140. E-mail: redação: impresso.comunicar@puc-rio.br. Administração: pcomunic@puc-rio.br. Impressão: gráfica do Lance.

Tecnologia: Equipe de alunos carioca está entre as melhores colocadas no ranking mundial de competições de robótica

Universitários e robôs: uma união de sucesso

Riobotz conquista o segundo lugar no total de medalhas da RoboGames

NICOLE LACERDA

Vinte e três robôs, nove medalhas – seis ouros, uma prata e três bronzes. Esses foram os números que marcaram a equipe brasileira, Riobotz, que no mês passado ficou em segundo lugar no ranking geral da Robogames 2013, maior competição mundial de robótica, realizada entre os dias 18 e 21 de abril em San Mateo, na Califórnia. Ao completar dez anos de existência, a equipe pôde comemorar em grande estilo: nesta edição quebrou os recordes de medalhas obtidas em campeonatos mundiais. Ao todo são 36 medalhas, conquistadas nas oito vezes que o grupo participou desta competição internacional de robótica.

Em dez anos de batalhas, a equipe já passou por grandes mudanças, todos sempre procuram inovar. Por isto, o lema do grupo é “Riobotz uma ideia à frente”. Este ano, a grande novidade foram os humanoides. Pela primeira vez o grupo da PUC participou da categoria e foi consagrado com dois ouros, o que confirma a qualidade do trabalho. O robô Spider Volt competiu na categoria Sumô de Humanoides e o robô Psy Volt encantou o público disputando a categoria Free Style, na qual dançou ao ritmo de samba, de hip hop e do sucesso mundial Gangnam Style, do artista sul coreano Psy. Para o coordenador da equipe e professor do Departamento de Engenharia Mecânica da PUC-Rio, Marco Antonio Meggiolaro, não foi só a técnica que instigou a equipe.

– Além da programação, um dos desafios foi ter criatividade para fazer a coreografia, e saber programar os movimentos na categoria de sumô – conta.

O grupo também foi um sucesso na categoria dos robôs movidos a energia solar, na qual conquistaram mais dois ouros. Em Sumô Rádio Controlado, o robô C3D4 foi campeão, sem perder nenhum round durante a luta contra o mexicano



Por trás dos robôs bem fundamentados, campeões mundiais, a equipe busca novos desafios a cada etapa



O robô touro nocauteou seu maior adversário

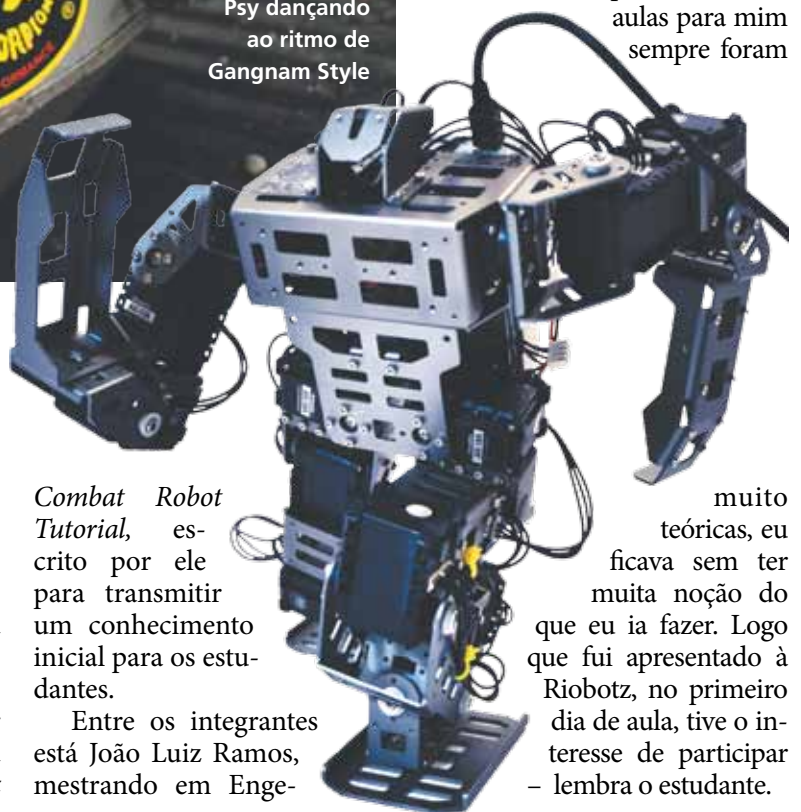
Psy dançando ao ritmo de Gangnam Style

Arrow. Mais um ouro também foi conquistado pelo robô Touro, na categoria de combate *Middleweight*, que nocauteou na semi-final o americano *The Mortician*, seu maior adversário.

Com uma década, a equipe universitária carrega um legado de muito sucesso. Ela está entre as melhores do mundo em competições de robôs de combate. São 54 títulos, sendo 34 em campeonatos nacionais e 20 em competições ao redor do mundo. Outras 42 medalhas são a soma

de pratas e bronzes, um total de 96 medalhas nesses dez anos de combates.

Atualmente a equipe é formada por 17 alunos das Engenharias de Controle e Automação, Mecânica e Elétrica. Segundo o professor Meggiolaro, a Riobotz é muito procurada pelos alunos, mas para entrar não é fácil, é necessário gostar e se dedicar ao trabalho. O interessado deve passar por um longo processo seletivo, a começar pela leitura do *Riobotz*



Combat Robot Tutorial, escrito por ele para transmitir um conhecimento inicial para os estudantes.

Entre os integrantes está João Luiz Ramos, mestrando em Enge-

nharia Mecânica pela PUC-Rio, que há dois anos participa da equipe. E, graças a esta experiência, ele conseguiu uma bolsa de doutorado em robótica no *Massachusetts Institute of Technology* (MIT). Ele acha importantíssimo o lado que a Riobotz enfatiza, de colocar os alunos para fazer atividades práticas, pois, para ele, teoria sem prática não é suficiente.

– Acho que eu não teria tido a experiência que tenho hoje, se não tivesse participado de uma equipe que tem tanto a enriquecer como a Riobotz. Ela desafia a gente a trabalhar em equipe, em projetos, em modelagem, em áreas que a gente nem sabia que precisava, e que às vezes saímos da faculdade sem saber que vamos precisar – observa o mestrando.

A possibilidade de pôr a mão na massa foi o que mais chamou a atenção de Jorge Luiz Xavier. Há dois anos na Riobotz, ele cursa o 8º período de Engenharia de Controle e Automação, e atualmente é o Capitão da equipe. O aluno consegue conciliar os estudos, a paixão por robótica e ainda um estágio na área de eletrônica.

– É uma possibilidade de aprendizado, as aulas para mim sempre foram

muito teóricas, eu ficava sem ter muita noção do que eu ia fazer. Logo que fui apresentado à Riobotz, no primeiro dia de aula, tive o interesse de participar – lembra o estudante.

Lançamento: Concurso literário organizado pela Cesgranrio origina livro

Olhares de jovens escritos em versos

THALYTA VERAS

Seis alunos vivem dia de escritor na ABL como novos talentos das letras

HUGO PERNET

Um livro dividido entre 53 autores jovens, resultado de um concurso. Com esta composição, seis alunos da PUC-Rio participaram do lançamento do livro *Novos talentos da poesia*, organizado pela Fundação Cesgranrio, no dia 24 de abril. No total, três mil exemplares da obra serão distribuídos em instituições de ensino e em bibliotecas escolhidas pelos autores.

O objetivo do livro é levar “ambiência cultural” às escolas, tanto públicas, quanto privadas, diz o presidente da Cesgranrio, Carlos Alberto Serpa. O Secretário-executivo do Centro Cultural da Fundação, Leandro Bellini, ressalta que educação e cultura não podem andar separadamente. As inscrições foram abertas somente para alunos do Rio de Janeiro. Bellini destaca que o concurso de poesia foi escolhido pela Cesgranrio, por causa da dificuldade de encontrar jovens interessados no gênero literário. Porém, ele se surpreendeu com 300 textos enviados.

– Foi uma surpresa o número de inscritos. Eu não sabia que tínhamos tantos jovens com interesse em poesia. O processo de seleção durou até um pouco



Marianna de Oliveira se inscreveu no concurso sem grandes pretensões

mais, pois não esperávamos receber tantos textos – ressalta.

Autora da poesia *O que sentimos*, Marianna de Oliveira, aluna de Jornalismo da PUC-Rio, gosta de escrever desde a infância. No ensino fundamental, escreveu a poesia - que enviou à Cesgranrio - para receber um ponto em português. – Eu não esperava ser selecionada. Quando li o e-mail, gritei “eu não acredito!” e todos se espantaram com a minha exaltação – descreve.

João Marcos Cantanhede, também graduando de Comunicação, começou a escrever aos 15 anos, com inspiração em reminiscências da infância e da juventude. Decidiu, então, criar o blog *presentereflexions.tumblr.com*, onde *Prezado futuro*, poesia escolhida pelo concurso, divide espaço com mais cem poemas. Para Cantanhede, es-

crever poesia é uma forma de “relaxar a mente”.

Além de Marianna e de Cantanhede, também tiveram um texto escolhido os alunos da PUC-Rio Lucas Noletto Rique Reis, de Ciências Sociais; Luciano Rosse Loureiro, Administração; Ruberval José da Silva, História; e Tatiana Cristina Costa Mendes, Direito.

A atriz e poetisa Elisa Lucinda, presente no lançamento, acredita que a poesia investiga o ser humano e traduz os sentimentos. A atriz afirma que o gênero é importante à juventude, época de fortes emoções.

– Eu comecei a escrever poesia na adolescência. Meio raiosa, um pouco libertária, na época da ditadura. A poesia foi minha aliada para expressar o que eu queria – afirma Elisa, que, durante a cerimônia, declamou seis poesias, escolhidas por ela.

REGISTRO

Fazendo o bem sem olhar a quem

Alunos, funcionários e professores da PUC-Rio se mobilizaram para participar da campanha semestral de doação de sangue nos dias 29 e 30 de abril, no Salão da Pastoral. Promovida pela Coordenação de Atividades Comunitárias e Culturais (CACC) em parceria com o

Hemorio, a campanha deveria ser realizada apenas no dia 29, mas o prazo foi prorrogado por mais um dia. O Hemorio considerou a coleta na Universidade excelente, com 75% de aproveitamento dos voluntários que se apresentaram.

Regina Kestenberg, he-

moterapeuta do Hemorio, disse que a campanha conscientiza a sociedade sobre a importância dessa ação.

– Doar sangue é uma forma de comunicar à sociedade que não é só quando ocorrem tragédias que precisamos de sangue – afirmou.

FELIPE MARQUES

PELO CAMPUS

Para quem fala a Filosofia?

FLAVIA ESPÍNDOLA



Danilo Marcondes (E) e Edgar Lyra (D) participam de seminário

Organizado por professores do Departamento de Filosofia, o seminário Para quem fala a Filosofia? foi realizado de 6 a 8 de maio, no Auditório Padre Anchieta com a presença de professores e pesquisadores de diferentes universidades e áreas de ensino.

A ideia do seminário foi

chamar a atenção para as diversas vertentes filosóficas, como tornar a filosofia mais presente na sociedade e mais próxima do seu interlocutor. Durante os três dias os temas foram voltados para alunos de Ensino Médio, universitários e o público em geral.

RODRIGO ZELMANOWICZ

40 anos da visita de Foucault

FLAVIA ESPÍNDOLA



Professores relembram as ideias defendidas por Foucault na PUC

Para celebrar os 40 anos da visita de Michel Foucault à PUC-Rio, o Departamento de Direito e o Departamento de Letras, em parceria com o Instituto de Estudos Avançados em Humanidades (IEAHU) e com o Instituto Carioca de Criminologia promoveram, nos dias 7 e 8 de maio, o Co-

lôquio Internacional Foucault: 40 anos das conferências A Verdade e as Formas Jurídicas.

O Colóquio, realizado no auditório de Direito, na Ala Frings, ofereceu três palestras por dia. As discussões abordaram temas foram trabalhados por Foucault em sua obra.

FELIPE MARQUES

Aula sobre crise na educação

Inspirado pelas pesquisas do Grupo de Estudos sobre Cotidiano, Educação e Cultura (GECEC), o Departamento de Educação da PUC-Rio realizou a aula inaugural com o tema Didática: desafios da contemporaneidade, no dia 29 de abril, no Auditório Padre Anchieta. A palestra, ministrada pela coordenadora do grupo, a professora Vera Candau, teve como abordagem a questão da crise da

educação na sociedade.

Segundo a professora, a didática não pode ser tratada como um ponto isolado, pois está diretamente ligada ao contexto em que a sociedade vive. É preciso que haja respeito e diálogo com as diferenças no ambiente escolar.

Além disso, a tecnologia e a violência na escola são questões que atualmente preocupam os professores.

GABRIELA MATTOS

Veja matéria completa no site do Jornal da PUC:
www.puc-rio.br/jornaldapuc

Renovação: Com mais de 12 mil alunos formados, curso de especialização aposta em atendimento à comunidade

Escola Médica, 60 anos e de casa nova

Pós-Graduação ganha espaço com ambulatorios na Gávea

PAULO HENRIQUE ROSA

Criada com o objetivo de aperfeiçoar e especializar médicos recém-formados, a Escola Médica de Pós-Graduação da PUC-Rio completa 60 anos. Nessas seis décadas, mais de 12 mil alunos passaram pelas 53 especialidades e pelos 14 hospitais e clínicas conveniados que abrigam os cursos. O professor Hilton Koch, decano do Centro de Ciências Biológicas e Medicina (CCBM) – que integra os departamentos de Biologia, Medicina e o Instituto de Odontologia (IOPUC) – se orgulha das conquistas alcançadas nesses anos.

– Nenhum outro curso do país teve essa história tão rica de formação de recursos humanos em diversas especialidades – afirma.

Com o aniversário, a Escola Médica ganhou um espaço na Gávea, onde fica a Casa de Me-

dicina com laboratórios e dois ambulatorios, que farão parte do Programa de Promoção à Saúde. O objetivo é atender moradores de comunidades ao redor da PUC.

– Eles vão fazer uma primeira consulta em suas comunidades e, se precisar de um atendimento secundário, eles poderão vir aqui nos ambulatorios. Em Tinguá, na Baixada Fluminense, onde a PUC tem uma reserva, vamos fazer esse mesmo progra-

“Nenhum outro curso do país teve história tão rica”

Hilton Koch



Nova casa da Escola Médica na Gávea onde ficarão os ambulatorios

RENATA SPOLIDORO

ma. Só que lá quem vai atender são médicos da prefeitura, monitorados por nós.

Além do atendimento, o programa também dará cursos de qualificação para ensinar aos moradores noções de como cuidar de idosos e fazer curativos.

Koch destaca a aquisição da mesa de anatomia virtual, única no Brasil. Ela permite que os estudos do corpo sejam mais interativos, sem precisar usar um cadáver de verdade.

– Nela, tudo que eu faria com um bisturi, eu faço com o dedo. Eu abro mão, eu abro a cabeça, vejo vértebras... É um método moderno de estudar anatomia. Nos laboratórios vamos ter softwares e peças anatômicas como fígado, pulmão e cabeça.

A nova fase também vai permitir que professores criem cursos livres, nos quais alunos de fora do Brasil poderão se inscrever.

– Agora a gente vai receber alunos de medicina de outros países. Já temos um alemão, um italiano. Quando a nossa graduação estiver criada, com certeza mandaremos os nossos alunos para o exterior, também – acredita o decano.

Os cursos vão começar no segundo semestre. Para o decano, uma oportunidade de integração com outros centros de excelência.

– É uma relação que a gente não tinha, mas que estamos criando agora, com esse projeto de renovação.

Energia: Pesquisadores, mestrados e doutorandos de Engenharia Elétrica desenvolvem modelos de despacho hidrotérmico

Software otimiza a produção de hidroelétricas

Há mais de dois anos em andamento, projeto busca melhorias para o abastecimento de energia brasileiro

RODRIGO ZELMANOWICZ

Pesquisadores e alunos de mestrado e doutorado do Departamento de Engenharia Elétrica da PUC-Rio estão desenvolvendo modelos de despacho hidrotérmico por meio de um novo software criado por eles, chamado Modelos do Despacho Hidrotérmico Brasileiro (MDDH). O despacho hidrotérmico consiste em escolher quais usinas utilizar em cada momento, levando em consideração que o custo de geração de energia seja o menor possível.

O grupo da PUC é liderado pelo professor Titular do Departamento de Engenharia Elétrica e coordenador de projetos de Pesquisa e Desenvolvimento (P&D) para o setor energético brasileiro, Reinaldo Castro Souza. O projeto está em andamento há dois anos e meio e teve o contrato renovado com os mes-

mos valores anteriores por mais dois anos e meio para conclusão.

A Agência Nacional de Energia Elétrica (Aneel) lançou um edital em que requisiava propostas de centros de excelência acadêmica para estudar o despacho hidrotérmico brasileiro com o objetivo de melhorar esse procedimento. A equipe de Castro foi escolhida, assim como um grupo da Unicamp, da UFSC e da UFPR em parceria com a Copel.

Para o professor, é de extrema importância realizar o despacho hidrotérmico de forma correta, para não ocasionar problemas no abastecimento de energia do país.

– Tem que se despachar de maneira ótima as usinas hidroelétricas e termoeletricas para atender ao consumo e não ter apagão. É um problema sério para o país. Isso aconteceu em 2001 com o racionamento.

Segundo Castro, o Brasil, hoje, tem 66 termoeletricas. Todas estão sendo despachadas a um custo muito alto e causando poluição ao meio ambiente, por estarmos entrando no período de seca com os reservatórios em níveis muito baixos.

O trabalho da equipe de Castro consiste em fazer previsões por meio de estatísticas, que permitam simular cenários de vazão. Eles geram de 3 mil a 4 mil cenários, para os 60 meses seguintes.

Eles pretendem comparar o MDDH com o programa oficial em vigor chamado Newave, para ver o que pode ser melhorado.

– Estamos escrevendo um livro sobre o que nós temos, vamos disponibilizar um manual de utilização, dar treinamentos nas grandes universidades sobre o MDDH e disponibilizar isso para eles – conclui.



FLAVIA ESPÍNDOLA

Professor Reinaldo Castro Souza coordena novo projeto de pesquisa

Consagração: Projeto do Escritório Modelo de Arquitetura premiado

Menção mais que honrosa

Equipe foi a única do Rio a se destacar em concurso do IAB

LUANA CHAGAS

Uma menção honrosa com gosto de primeiro lugar. O escritório Modelo de Arquitetura (Emaud) da PUC foi o único do Rio de Janeiro a ser premiado no Concurso Estação Antártica Comandante Ferraz, promovido pelo Instituto de Arquitetos do Brasil (IAB) em parceria com a Marinha. O objetivo era elaborar uma nova estação científica do Brasil na Antártica. O Emaud foi também o único escritório universitário inscrito. A coordenadora da equipe, professora do Curso de Arqui-

tetura Vera Hazan, considerou a experiência uma motivação. Para pôr em prática o desafio, a equipe pesquisou outros projetos no continente, além de participar de um seminário organizado pelo IAB sobre o tema. Tudo isso para começar a planejar e entender como implantar a sustentabilidade no projeto para a nova estação.

Foi criado um sistema para ser facilmente transportado e montado. A equipe idealizou um projeto modular composto por três peças básicas: torres, anéis e células, para uma construção que pode ser adaptada e expandida ao longo do tempo.

– A partir dessa arquitetura tão racional, necessária para tornar o projeto viável, nós buscamos uma poética. Um projeto arriscado, mas que deu certo – declara Vera

Eles trabalharam durante um mês, com noites viradas para entregar um projeto que eles considerassem de alto nível.

Professor do Curso de Arquitetura Fernando Betim é coautor do projeto e destaca a preocupação do escritório modelo em ser inovador e não repetir um padrão estabelecido pelo mercado. Isto, segundo ele, possibilitou a entrada em um projeto de grande porte.



Fernando Betim, coautor do projeto, e Vera Hazan, coordenadora



JESUITAS NA CIÊNCIA

Um paleontólogo a serviço da fé e da pesquisa

9



Pierre Teilhard de Chardin:

Francês (1881 – 1955). É possivelmente o jesuíta cientista que se tornou mais famoso – juntamente com Clavius(?) – para o grande público na história da Companhia. Na realidade, sua fama maior lhe adveio não pelo seu trabalho de pesquisador nas áreas em que era especialista – paleontologia e geologia (e antropologia) – mas sim pela sua cosmovisão, que não deve ser considerada propriamente “científica” no sentido estrito, mas que se apóia nas ciências experimentais. Sobre sua atividade científica, passou cerca de 23 anos na China, visitando inúmeros sítios arqueológicos daquele país muito rico em fósseis de civilizações e assentamentos humanos, tendo tomado parte na descoberta do “homem de Pequim (Beijing)”, que hoje em dia é classificado como “homo erectus” de 580 a 650 mil anos atrás. Visitou sítios arqueológicos e geológicos em vários outros países, dono de uma curiosidade científica incansável. São mais de 150 os artigos de sua autoria (ou co-autoria) em periódicos especializados nas áreas referidas. Ele gozou de grande reputação entre seus pares, tendo sido eleito para o Collège de France, integrado sempre por uma elite intelectual na França, sem poder, entretanto, as-

sumir a cátedra por motivos eclesiais. Sua cosmovisão, que o tornou especialmente famoso, foi publicada em dois livros e vários artigos, os livros sendo “O Fenômeno Humano” (início dos anos 1940’s) e “O Meio Divino” (início dos anos 1920’s). Trata-se de uma apresentação da evolução do universo desde sua origem até o aparecimento do homem, projetando a evolução para o futuro. Em linhas gerais, ele constata que ao longo da história do universo foram aparecendo estruturas sempre mais complexas e sempre mais “centradas”: as partículas sub-atômicas, os átomos, as moléculas, as células, os primeiros seres vivos, que evoluem até o aparecimento do homem. Ele afirma que este processo de formação de estruturas sempre mais complexas e mais centradas é regida por uma “lei de complexificação-consciência” [que seria melhor chamar de “complexificação-centração”], postulando a existência de uma “energia radial” responsável por este processo. O termo “radial” surge em oposição ao “tangencial”, que é a energia medida pela física e química. Note-se que a teoria de Teilhard para explicar a evolução se opõe fortemente ao darwinismo, para o qual tudo se explica pelo acaso dos acontecimentos ao lado das leis da física, química e biologia: acaso e necessidade.

Efetivamente a “energia radial”, postulada por Teilhard jamais foi detectada experimentalmente; mas tão pouco foi comprovado experimentalmente que o acaso é causa da evolução. [Einstein, ao rejeitar a mecânica quântica na sua interpretação probabilística, que é a interpretação amplamente majoritária entre os físicos, argumentava que “Deus não joga dados”. Mas não precisamos apelar para Deus. Apelemos para o princípio de razão suficiente muito usado por Leibniz, considerado um dos maiores lógicos de todos os tempos. Pode-se dizer que o acaso é razão suficiente de alguma coisa? Mas o acaso, se pensarmos bem, é uma não-explicação. Dizer que o acaso explica qualquer coisa é uma “contradictio in terminis”. Os físicos sempre pretenderam dar uma explicação para os fenômenos, mas a história da ciência tem mostrado uma contínua superação das teorias físicas. O acaso, como suposta explicação, está fortemente presente na ciência moderna: “explicando” a evolução das espécies e os fenômenos quânticos. Quanto à Mecânica Quântica, ainda temos uma “superfície de probabilidade”, portanto conhecemos algo a respeito do acaso; mas na evolução das espécies, não sabemos nada em termos probabilísticos. Reconheçamos antes com humildade que não conhecemos ainda as causas

(razões suficientes) das coisas nestes dois níveis].

Teilhard propõe uma extensão, na direção do futuro, do princípio de complexificação-centração. Após o aparecimento do “homo sapiens”, que resta com relação ao futuro? Uma nova espécie essencialmente mais inteligente que o homem? Ele propõe a “noosfera”, ou seja o aparecimento de uma estrutura inteligente formada pelos seres humanos. O que parecia inverossímil há alguns anos, passou a tornar-se, cada vez mais, realidade, com o aparecimento da internet, “unindo” as inteligências a quilômetros de distância com a velocidade da luz. A ideia de “noosfera” não é original de Teilhard, havia sido proposta antes por Vladimir Vernadsky (1863 – 1945). (Não sei se Teilhard teve conhecimento disso). Mas para Teilhard a evolução não pára aí. Ele observa uma “convergência” neste processo. Então, se há um processo de convergência, este deve convergir para um “ponto”. Teilhard denomina este “ponto” de “Ponto Ômega”. E afirma pela fé, que este “ponto” é Cristo, apoiando-se (interpretação alegórica) em trecho da Carta de São Paulo aos Colossenses. Mas aqui surge uma objeção: se neste processo evolutivo, as estruturas são sempre mais complexas, o “ponto Ômega” deveria ser hiper-complexo, ou seja Cris-

to deveria ser hiper-complexo, o que não consta. Ou consta? Aqui, seguindo sugestão de Anthony Kenny, grande filósofo inglês contemporâneo, é preciso distinguir entre **complexidade estrutural** e **complexidade funcional**. Assim, seguindo o exemplo que ele mesmo dá, um barbeador elétrico é muito mais complexo estruturalmente que uma navalha, mas esta é mais complexa funcionalmente: aquele só serve para fazer a barba e a navalha pode fazer inúmeras coisas (inclusive cortar a cabeça do Dawkins, na brincadeira de Kenny). Ou seja, Cristo, Ponto Ômega, seria hiper-complexo funcionalmente. (Deus é simples de acordo com a filosofia: se não fosse simples não seria uno, não seria tão pouco perfeito, tendo partes. Ou seja, é estruturalmente simples. Mas é hiper-complexo funcionalmente: é onipotente.) A hipótese de Teilhard não se impõe logicamente, sendo demasiadamente especulativa do ponto de vista científico: “hypotheses non fingo”, não me baseio em hipóteses, dizia Isaac Newton. Mas a conjectura de Teilhard faz sentido do ponto de vista da fé, ainda que também não se imponha sob este ponto de vista.

■ PE. PEDRO MAGALHÃES
GUIMARÃES FERREIRA, S.J.
PRESIDENTE DA MANTENEDORA
DA PUC-RIO

NICOLE LACERDA

Na hora do almoço, o sal é um componente indispensável na mesa, pois muitas pessoas consideram que os alimentos ficam mais saborosos quando adicionamos aquela pitada de sal. Porém, este é um dos mais temidos vilões para a nossa saúde e, ao mesmo tempo, é o menos combatido. O consumo excessivo de sal é o principal fator que causa o aumento da pressão arterial, levando a problemas mais sérios como hipertensão, acidentes vasculares cerebrais e ataques cardíacos.

Existe um círculo vicioso. Algumas pessoas colocam o sal na hora do preparo da comida e quando ela chega à mesa. Além disso, os alimentos industrializados, cada vez mais consumidos, contêm uma alta quantidade de sódio.

Aluna do curso de Comunicação Social da PUC-Rio, Bruna Lacombe, 20 anos, alega que tem pressão baixa e diz ser viciada em comer sal.

– Coloco sal em tudo, no arroz, no feijão, na salada principalmente. A comida fica sem gosto se não for salgada.

Professor de pós-graduação do curso de cardiologia da PUC-Rio Roberto Bassan aconselha que a jovem mude o costume o mais rápido possível, pois corre grandes riscos de desenvolver no futuro hipertensão. E, quanto mais o tempo passar, mais difícil será se reeducar.

– Por enquanto, o sal não está causando nenhum malefício, pois ela é jovem e ainda não houve tempo para desenvolver a doença. Recomendo que ela reduza drasticamente a ingestão para não se tornar uma hipertensa em alguns anos – observa o cardiologista.

O sal não existia como alimento até o fim do século XIX e, em consequência, a hipertensão arterial praticamente não existia. Mas no século XX, ele começou a ser comercializado e utilizado nos alimentos industriais. Uma mudança de hábito que fez com que a ingestão de sódio, que era mínima, aumentasse de tal maneira que, hoje, a maior parte dos países ingere de oito a dez vezes mais do que se consumia no século XIX. Para Bassan, a sociedade exige cada vez mais alimentos salgados para saciar o desejo pelo prazer degustativo.

– Enlatados, envazados, todos esses alimentos comercializados em conserva contêm muito sódio, para que durem meses e às vezes até anos – observa o professor.

Saúde: Comida salgada em excesso endurece as artérias e prejudica cérebro, coração e rins

Vilão oculto no cardápio diário

Sal está presente em todos produtos industrializados

DIOGO MADUELL



Ingestão acima do permitido

A Organização Mundial da Saúde (OMS) estabelece como quantidade adequada o consumo de 1.500 a 2.000mg de sódio por dia. Segundo a nutricionista Ana Carolina Freitas, esse número equivale a cinco tampinhas de caneta BIC cheias de sal. Parece uma pequena quantidade, mas tudo o que uma pessoa come durante o dia, entre café da manhã, almoço, jantar, lanche, passa longe do recomendado.

Mais da metade da quantidade de sal ingerida vem da comida consumida na rua, na qual não há controle individual da quantidade de sódio usado. Ao lanche em uma rede de *fast food*, por exemplo, uma pessoa ingere, no mínimo, de 3.000mg a 4.000mg de sódio. Uma garrafa de 600ml de refrigerante zero contém de 60mg a 80mg. Adoçantes e doces também têm sódio.

A solução é medir o consumo, verificar a porção no rótulo, reduzir a quantidade ao preparar o alimento e retirar o sal da mesa. Uma boa opção é substituir por condimentos, como alho, cebola, e temperos. Para o cardiologista, é preciso conscientizar a sociedade de que o sódio é um vilão para a saúde.

– Tem que escolher o que vai comer – afirma.

Hipertensão está entre as doenças provocadas pelo uso demasiado

A ingestão excessiva de sódio faz o organismo reter água e provocar um edema. O sódio entra pelas células do corpo e endurece os vasos sanguíneos, os tornando menos flexíveis e aumentando a pressão arterial. Quanto mais sódio é ingerido, mais a pressão arterial aumenta, o que leva à hipertensão arterial.

Se permanecer por alguns anos, a pressão alta pode afe-

tar as artérias de três grandes órgãos: cérebro, coração e os rins. No primeiro, pode provocar o acidente vascular cerebral (AVC). No segundo, o consumo excessivo também pode ocasionar a obstrução ou entupimento das artérias do coração, causando enfarte. No terceiro, os rins podem ficar sobrecarregados, o que causa insuficiência renal.

Rita de Cássia do Nas-

cimento Leite, secretária da pós-graduação do curso de Engenharia Civil da PUC-Rio, sofre desse mal. Com 51 anos, há mais de dez ela é hipertensa. Rita descobriu a doença porque começou a sentir constantemente fortes dores de cabeça. Sonolência, dor de cabeça frontal, alternada com dor na nuca, tontura, náusea e enjoos são outros sintomas. A secretária passou por uma

reeducação alimentar, toma remédios regulados e cortou o sal da comida.

– A gente tenta se reeducar. Quando faço comida em casa, corto o sal, mas não posso controlar quando como na rua. Não coloco sal na mesa – afirma.

Para o cardiologista, a sociedade terá que aprender a apreciar comidas com menos sal, um costume que existe há mais de um século.

Perfil: Francisco, de 44 anos, aprendeu a gostar de ler quando ainda era uma criança, por influência da família e da escola

Um fã da literatura brasileira

O ascensorista da PUC-Rio que se divide entre dois trabalhos e os livros

FERNANDA REZENDE

Os livros dos escritores brasileiros Machado de Assis e Ariano Suassuna já não são uma exclusividade das salas de aula da PUC: há dois anos eles estão sempre nos elevadores do prédio Kennedy durante a noite. Esse é o tempo que o ascensorista piauiense Francisco das Chagas Pereira, 44 anos, trabalha na Universidade. Um fã assumido de literatura, ele está sempre com uma bolsa de livros prontos para serem lidos nas horas menos movimentadas no elevador.

O ascensorista se declara um apaixonado. Segundo ele, o livro é como um amigo que está sempre esperando para confidenciar alguma coisa. A relação com a literatura começou cedo por influência da família e da escola.

– Comecei com aquelas histórias em quadrinhos do Tex Willer e minha família sempre me incentivou muito. Na esco-

la, eu também fui escoteiro dos 16 aos 18 anos, e como escoteiro a gente também tem que ler. Na própria escola, era incentivado, eles pediam muito que fizessemos leitura em grupo, e, a partir disso, comecei a ler mais – comenta.

E a ligação de Francisco e da família com a literatura continua até hoje. O ascensorista cultiva o hábito de dar e trocar os livros com a família e os parentes, geralmente, com as sobrinhas. O desapareço de Francisco só tem uma exceção: ele não dá para ninguém os que ganha de presente.

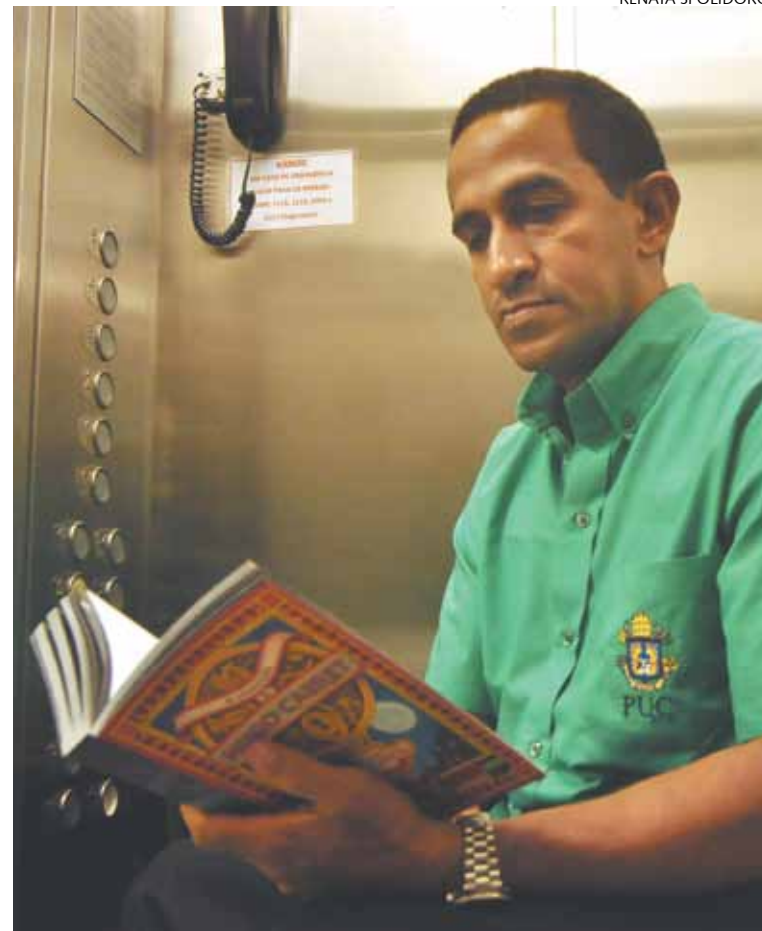
Ultimamente, Francisco não tem tido muito tempo livre, pois se divide entre a PUC e um trabalho de meio período em um restaurante, no Flamengo. Mas, mesmo assim, leu cerca de 15 livros no ano passado e, atualmente, está imerso em uma obra de 415 páginas. Ele também já sabe quais serão as próximas leituras.

– Agora estou lendo a *Invenção de Cabret*. É sobre um

jovem que mora na estação de trem de Paris e vão acontecendo várias coisas com ele, é um drama legal, interessante. Esse tipo de livro geralmente demora uma semana porque é um livro rápido, tem muitas ilustrações. Depois desse, tem dois livros que eu tenho que ler, eu ganhei os dois primeiros livros sobre Roma e agora tenho que ter os outros dois para completar a série de quatro. Um deles é o *Portões de Roma* – diz.

Francisco não consegue citar um livro preferido, mas um dos que mais gostou foi *Quincas Borba*, de Machado de Assis que, para ele, é uma história “muito comovente”. Assim como os livros do escritor Arriano Suassuna que o trazem uma memória afetiva.

– Ele sempre fala sobre os nordestinos e as dificuldades da vida, isso me traz lembranças. Coisas que ele narra já acontecerem comigo de alguma forma – confessa Francisco.



RENATA SPOLIDORO

Francisco lê nas horas menos movimentadas do elevador, após as 22h

Música: Fenômeno na internet, Clarice Falcão lança seu primeiro disco

Músicas de amor de uma compositora e cantora multimídia

Ex-aluna de Cinema da PUC é destaque no canal de humor Porta dos Fundos



THALYTA VERAS

Clarice conta sobre a inspiração para compor as músicas monomaniacas

NICOLE LACERDA E
PAULO HENRIQUE ROSA

Conhecida como artista multimídia, Clarice Falcão, aos 23 anos, é cantora, atriz, compositora e roteirista. A estrela do canal Porta dos Fundos lan-

ça no iTunes, o CD *Monomania*, com 14 faixas, incluindo os sucessos *Oitavo Andar* e *Monomania*, que juntos chegaram a mais de 4 milhões de visualizações no Youtube.

Para comemorar o lançamento, Clarice marcou cinco

apresentações no Rio, todas esgotadas. Os shows foram elogiados pelo público e pela crítica.

Segundo Clarice, o CD tem esse nome porque as músicas são “monomaniacas”, já que falam todas sobre amor, tema que sempre a interessou. O CD será lançado somente pela internet e, para Clarice, foi mais coerente produzi-lo de forma independente.

– Estou muito feliz de lançar na internet, porque eu surgi e cresci lá. Através das minhas músicas que estavam na internet fui chamada para um programa da internet, no qual estou desde o começo – lembra.

A ex-estudante de Cinema da PUC-Rio é a prova de que um artista pode fazer sucesso somente na web. Para ela, esse veículo tem um público ativo, que escolhe o que quer assistir e se interessa por coisas diferentes e incomuns. Ao contrário da tv, que tem uma audiência fixa, e o público assiste ao que está passando.

– Na internet as coisas se viralizam espontaneamente. O internauta vai atrás do vídeo, e se gostar, vai repassar. Na TV é diferente, independente de alguém assistir, vai passar no consultório – opina Clarice.

Consumo: Alimentação que volta às origens

Aula incentiva uso de comida natural

Alunos adotam novos hábitos depois de frequentar disciplina do curso de Design

GABRIELA MATTOS E LUÍSA LACOMBE

Um ano atrás, os estudantes de Letras Carolina Barra e Diego Marinho se interessaram pela matéria eletiva Biochip, ministrada pela professora Ana Branco, do Departamento de Design da PUC-Rio. Os dois não se alimentavam de maneira saudável, mas, graças a essas aulas, mudaram os hábitos.

– Eu já me interessava pela alimentação vegetariana e vegana. Eu já era vegetariano há dez meses antes de começar a matéria, mas comia muita besteira. Com o Biochip aprendi a fazer comidas saborosas e saudáveis – conta Diego.

A eletiva, que faz parte do Laboratório de Investigação em Living Design do Departamento de Artes e Design, ensina sobre a alimentação viva,

que descarta qualquer tipo de alimento cozido e dá prioridade às frutas e aos legumes.

– A comida viva é natural. Ela tem pH alcalino, então o nosso corpo aceita de uma maneira natural e pacífica. É como se essa comida fosse feita para o nosso organismo. Quando congelamos, e depois cozinhamos alguma coisa no fogo, o pH muda de básico para ácido – explica Carolina.

As aulas de Biochip são realizadas nas tendas de Design, às terças e sextas-feiras, das 11h às 13h, para estudantes de todos os cursos da Universidade. Além disso, às quintas-feiras, os alunos e professores envolvidos no projeto promovem uma feira autossustentável, próximo aos pilotis do Kennedy, que oferece alimentos vivos para os interessados.

Planejamento: Paulo Borges, diretor criativo do Fashion Rio, fala sobre a mudança no calendário do evento carioca

O lado comercial da moda brasileira

Desafios de um setor em desenvolvimento no país

FERNANDA REZENDE

O mercado de moda brasileiro, especialmente o carioca, está de cara nova desde o Fashion Rio verão 2013/2014. A 23ª edição do evento, realizada entre os dias 15 e 19 de abril, apresentou o tema Colorpop, inspirado na representatividade das cores para o Rio de Janeiro, e veio com mudanças significativas. Uma reestruturação do calendário da semana de moda carioca, duas marcas novas (a Maria Filó e a Iódice) integrando o *line up* dos desfiles e a volta do evento à Marina da Glória.

A principal novidade foi a mudança do calendário do Fashion Rio, que afeta o setor criativo e mercadológico das marcas participantes. Segundo o diretor criativo do evento, Paulo Borges, a mudança foi necessária para dar mais tempo às marcas de se planejarem mercadologicamente para atuarem no cenário nacional e internacional. A partir de agora, os lançamentos das coleções de inverno foram antecipados para os meses de outubro/novembro e as de verão para março/abril.

– Para que ela (a indústria de moda) possa ter um planejamento de desenvolvimento, crescimento, de orçamento, de rentabilidade, para que a gestão possa realmente funcionar, é preciso reorganizar os processos. Fazer com que o tempo de lançar, desenvolver, apresentar, comercializar, tirar o pedido, produzir e entregar seja minimamente viável do ponto de vista do tal planejamento.

Para Borges, a moda é um dos pilares mais importantes nos negócios do país.

– Acho que o Brasil está passando por uma fase clara de tentativas, acertos e correções de notas por uma questão de economia e de infraestrutura. A moda faz parte desse processo – afirmou Paulo Borges em conferência de imprensa, no primeiro dia do *Fashion Rio*.

Segundo a professora do curso de Design de Moda da

PUC Aline Moreira Monçores, as mudanças afetam positivamente o mercado e o sistema de criação que as empresas adotam.

– Esta mudança (no calendário) é boa, pois vai pressionar empresários e profissionais a mudarem seus métodos e reavaliarem o que têm feito. Atuar com mais antecedência exige profissionalismo e criatividade, não dá para esperar revistas e copiar o que vem de fora e agir de modo amador – acredita.

As marcas que desfilam no

“
Para que a gestão possa realmente funcionar, é preciso reorganizar os processos”
Paulo Borges

evento ainda passam por uma adaptação e, de acordo com Aline, esse é um período de ajustes em que crises podem acontecer, mas podem servir para impulsionar a organização do mercado e a permanência das marcas preparadas, ou que busquem um preparo.

A professora também comentou que as universidades, em geral, formam todo ano dezenas de profissionais que pensam somente na parte criativa da moda e que somente poucos alunos acabam desenvolvendo um trabalho condizente com a formação. Ela observa que a PUC trabalha na formação de designers de moda completos e capacitados para atuar também na parte de gestão.

– O curso (de designer de moda da PUC- Rio) conta com disciplinas de projeto no quarto período que contemplam aspectos de gestão, um escritório modelo em plena atividade, além de vários alunos que passaram pelo Instituto Gênese. De modo geral, os alunos saem do curso com uma formação profissional bastante sólida, garantido grande absorção pelo mercado – ressalta.

Mundo fashion em foco na PUC

O Primeiro Seminário de Moda e Marketing, promovido pelo professor do Departamento de Comunicação Social Bernardo Monteiro lotou a sala 102-K, no dia 24 de abril. A palestra teve como convidados a consultora de moda e estilo, Luiza Bomeny e o londrino, consultor criativo e professor do Instituto Marangone, Mathew Zorpas, que falaram sobre tendências e sobre a propagação nas mídias on-line.

Com o mercado da moda fervilhando no Brasil, a ideia foi promover uma conversa para esclarecer os campos de atuação que um formando pode ter e em como proceder nesse meio. Formada em Design pela PUC, Luiza

Bomeny abordou questões sobre as tendências e sobre os mercados de *fast-fashion* e os de luxo, além de destacar a influência dos blogs, tão queridos pelos jovens e que viraram principal fonte de consulta sobre o que está nas vitrines. Ainda na primeira parte do encontro, a consultora comentou sobre as diversas áreas em que se pode atuar.

– O mundo da moda está clamando por bons comunicadores – afirmou Luiza

Criador de grandes campanhas publicitárias e de estratégias de comunicação, Mathew Zorpas enfatizou a relevância dos blogs e de outras mídias on-line e de como são capazes de influenciar o público.

– As mídias sociais devem ter como base contar uma ótima história para obter sucesso – ressaltou.

Zorpas concluiu o seminário deixando evidente que o uso das mídias sociais é um bom ponto de partida para propagar conceitos de moda. Para isso, deixou dicas de como dar importância aos jovens consumidores, incentivar o espírito de competição e fornecer um guia confiável para melhoria de vida. Além disso, como buscar as mídias digitais para transmitir exclusividade.

LUANA CHAGAS



MARCIO MADEIRA

Dicas: O passo a passo para quem quer entrar no mercado de trabalho

Entrevista com atitude e postura

Especialistas dizem como se comportar no processo de seleção para emprego e estágio

JÉSSICA LEIRAS

Um dos principais passos para conseguir entrar no mercado de trabalho é a entrevista de emprego ou de estágio. Embora algumas pessoas pareçam confiantes ao demonstrar capacidade para o cargo, é fundamental se preparar corretamente para evitar certos erros. A Superintendente de Recursos Humanos da PUC-Rio, Marisa Moreira Espíndola, e a Coordenadora de Recrutamento e Seleção, Marcela Cavalcanti, acreditam que é interessante que o candidato faça uma pesquisa sobre a empresa antes da entrevista.

– Quando você está em um processo de seleção não é só a empresa que está te selecionando, você também está selecionando a empresa. Essa gangorra tem que ser o mais horizontal possível – diz Marisa.

No momento da avaliação, o comportamento do candidato é levado em conta. Para Marisa, evitar o uso de gírias, ter preocupação com a maneira de se vestir e desligar aparelhos eletrônicos são atitudes que demonstram o cuidado que o entrevistado tem com aquele momento.

– Sem querer, nós mostra-



DIOGO MADUELL

mos como somos no dia a dia. Ficar atenta a essas questões é importante porque elas falam um pouco sobre você – afirma.

Segundo Marcela, a apresentação do currículo faz a diferença.

– Receber um currículo bem organizado, com o nome, telefone, e-mail em destaque no cabeçalho, para que eu possa entrar em contato, é um ponto positivo. Também é desejável colocar a sua formação e as experiências anteriores. Isso tudo é importante, porque na hora em que vamos avaliar são essas informações que buscamos – assegura.

Os pontos positivos e negativos de uma entrevista levam em consideração o perfil da vaga que está aberta. Porém, alguns itens são critérios usados para todos. Marisa destaca fatores que pesam a favor do candidato.

– Ser pontual, ter uma boa postura, ser educado, agradecer a oportunidade ao final da entrevista é algo que vai contar ao seu favor. Em uma entrevista você deve ter ética, não ficar falando mal nem da empresa que você trabalhou, nem de professores que passaram pela sua vida – conclui.

Fique de olho

A PUC-Rio oferece uma plataforma virtual aos alunos, que divulga oportunidades de estágio em diferentes empresas. Pela Coordenação Central de Estágios e Serviços profissionais virtual (CCESP Virtual), as empresas têm estandes virtuais nos quais podem publicar oportunidades de estágios. Nos estandes, os alunos têm a possibilidade de manter contato direto com as empresas. Assim, é possível tirar dúvidas e conhecer melhor o tipo de perfil de estagiário que as companhias procuram. Os interessados podem acessar www.ccesp.puc-rio.br/virtual e efetuar o cadastro no site.



CRÔNICAS DE MEMÓRIA

Fotografias: Janelas do Tempo

'MUSP': PUC-Rio e compromisso social

ANTÔNIO ALBUQUERQUE



Assembleia do MUSP. De pé, o professor Luiz Alberto Gomez de Sousa (1980)

Nos anos 1980, o Brasil vivia um momento de retomada de expectativas em relação à liberdade com o processo de redemocratização em curso. Os movimentos sociais, reprimidos durante a ditadura, ganhavam força naqueles anos: em 1983 foi fundada a CUT, *Central Única dos Trabalhadores* e, em 1984, o MST, *Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra*. Em 1984 acontece uma série de manifestações que reivindicavam as eleições diretas para presidente, movimento conhecido como *Diretas Já!*. A Igreja Católica na América Latina, por sua vez, assume uma posição social e formula uma teologia progressista, ambas pautadas pela *opção preferencial pelos pobres*.

Coerente com seu tempo, a PUC-Rio cria o MUSP, sigla para o *Movimento Universidade a Serviço do Povo*, coordenado pelo então vice-reitor acadêmico Pe. Agostinho Castejón S.J., que reunia professores e alunos da Universidade. O Movimento promoveu projetos sociais em 28 favelas do Rio de Janeiro, entre elas o Morro de

Santa Marta. Lá se estabeleceu uma longa parceria já anteriormente estabelecida e viu, de fato, o trabalho acadêmico a serviço da transformação daquela comunidade. Um exemplo disso foi a monografia de um aluno de engenharia que criou um sistema de distribuição de água que consistia em uma rede aérea de canos de PVC apoiada sobre os telhados e que levou a água a todas as casas do morro, impulsionada apenas pela força da gravidade.

A fotografia acima é uma janela aberta para esse tempo: reunidos em assembleia no antigo auditório da Pastoral, professores, alunos e funcionários discutem projetos e ações a serem realizados junto às comunidades. O MUSP traduz um movimento específico em busca da libertação e da justiça social, mas também é uma das expressões do compromisso da Universidade, desde a sua fundação, com a sociedade da qual faz parte.

■ PRISCILA SOBRINHO DE OLIVEIRA

ALUNA DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA E BOLSISTA DE IC DO NÚCLEO DE MEMÓRIA

O Jornal da PUC está de cara nova na internet.

Acesse e confira:

www.puc-rio.br/jornaldapuc

Quadrinhos: Super-Homem completa 75 anos de existência em meio à explosão dos filmes de personagens de quadrinhos

Muito além das páginas das revistas

Sem perder o carisma, super-heróis cada vez mais invadem as telas

LUÍSA LACOMBE

Eternizado no cinema pelo ator Christopher Reeve, o Super-Homem completa 75 anos em 2013 ainda em plena atividade. Continua fazendo parte do carro-chefe de histórias em quadrinhos da editora DC Comics, ao lado do Batman, Lanterna Verde e Mulher-Maravilha, e voltará às telas no filme *O Homem de Aço*, dirigido por Zack Snyder (*Watchmen*, 300) e produzido por Christopher Nolan, diretor da última trilogia Batman.

Se para alguns este é o filme mais esperado de 2013, para outros, não passa de mais um exemplar da safra recente de longas-metragens de super-heróis. Nos últimos dez anos cresceu a produção deste tipo de filme, criando um público cativo formado por aqueles que sempre leram histórias em quadrinhos ou por aqueles que se limitam às telas do cinema. Professor do Departamento de Comunicação Social da PUC-Rio, Affonso Fernandes, faz parte do primeiro time. Leitor de quadrinhos desde os seis anos, ele tem uma opinião variada sobre os filmes de super-heróis.

– Gostei dos *Vingadores*, mas o Hulk me irritou. O Homem de Ferro também é bom, embora não concorde muito com a escolha do Robert

Downey Jr. Acho que quem combina com o personagem é o ator (Jeffrey Dean Morgan) que fez o Comediante em *Watchmen*, que é um ótimo filme. Também gostei de *V de Vingança*, embora o autor, o Alan Moore, não tenha gostado – comenta.

Para a professora do Departamento de Comunicação Social Luísa Chaves de Melo a popularidade dos filmes de super-herói é uma resposta a crises e anseios vividos fora do cinema.

– Cada um tem suas próprias preocupações. Precisamos esvaziar a cabeça, por isso procuramos um entretenimento que seja gratificante. Desde antes dos super poderes, havia a figura do herói, que se arriscava pela sociedade – diz Luísa.

Professor do curso de Ci-

nema do Departamento de Comunicação Social, Hernani Heffner lembra que os super-heróis surgiram em um contexto de Depressão e da Guerra Fria, servindo ao Imperialismo americano.

– No contexto de pós- crise de 2001 e 2008, esses personagens ganham a dimensão de recordar as conquistas do país – assinala Heffner

Ele também levanta a hipótese de que o super-herói serviria como um substituto de uma figura religiosa.

– Vivemos em uma época de questionamento dos antigos deuses. O super-herói é uma criação humana mitológica, mas não religiosa. Ele preenche um vazio, por estar comprometido com a moral e lutar ao lado do bem. Desse modo, ele quase se torna um novo deus – pensa.

Desde 1938 na luta contra o crime

Em 1938, aterrissava nas bancas a primeira edição da revista *Action Comics* e, junto, o primeiro de todos os super-heróis, o Super-Homem. Criado por Jerry Siegel e Joe Shuster em meio à grande depressão, o personagem deu origem à Era de Ouro dos quadrinhos. Depois de várias idas e vindas no tempo, alguns detalhes da vida do personagem permanecem, como sua origem em Krypton, a criação

no planeta Terra e seus poderes, aumentados pela luz amarela do sol e prejudicados pela kryptonita verde. O professor Afonso Fernandes cita o nome do desenhista Alex Ross como o seu favorito nos tempos atuais.

– Os desenhos dele (Alex Ross) parecem com pinturas e seu Super-Homem impressiona, parece ter quase dois metros de altura – observa.



Do abandono à adoção, o melhor amigo dos animais

ABANDONO

Consultas
Veterinárias

Recomeço

Vacinas

Hospedagem

Resgate

Tratamento
de doenças



Castração

ADOÇÃO

Feira de adoção: todo 3º sábado do mês - Largo dos Leões, Humaitá
O Grupo Recomeço protege cães e gatos, transformando histórias tristes em finais felizes
www.gruporecomeco.com

Memória: Símbolo da belle époque no Centro comemora 119 anos

As histórias da Colombo entre doces e tradição

Professor da PUC-Rio lança livro com curiosidades e receitas da Confeitaria

PAULO HENRIQUE ROSA

Diz a história, que, quando ficou viúva, Noêmia Monteiro Villa-Lobos começou a lavar toalhas e guardanapos para restaurantes. O filho, Heitor, fazia as entregas, principalmente na Confeitaria Colombo, um ponto de encontro da cidade. Lá, o rapaz conheceu os músicos que tocavam ali, entrou para o grupo, e a confeitaria serviu como palco para a sua profissionalização. A Colombo foi também inspiração para o professor do Departamento de História da PUC-Rio Antônio Edmilson, que escreveu com o chef Renato Freire o livro *Confeitaria Colombo – Sabores de uma cidade*.

Fundada na Rua Gonçalves Dias, no Centro do Rio, em 1894 pelos portugueses Joaquim Borges de Meirelles e Manoel José Lebrão, a Colombo, símbolo da belle époque carioca, era um local onde se reuniam artistas, intelectuais e políticos - Olavo Billac tinha uma mesa fixa lá. Mas, 119 anos depois, o público da confeitaria é mais eclético.

– Ela sempre manteve o balcão virado para rua, para as camadas populares. A classe média ocupava o salão, então ela nunca foi exclusivamente das elites cariocas. Claro que eram elas que davam o toque à Confeitaria, principalmente a elite literária – diz Antônio Edmilson.

Fruto de dois anos de pesquisa, a obra faz parte de um projeto que pretende contar a história dos bares tradicionais e das confeitarias do Rio de Janeiro. Para compor o livro, Edmilson e equipe resolveram transformar a Confeitaria e a cidade em personagens.

– O que nós fizemos foi tomar a Colombo como referência e juntá-la à cidade. Nesse sentido, o livro tem como referência não só os personagens, mas os vários momentos de desenvolvimento da confeitaria – explica.

A Colombo era uma casa de um andar que cresceu até ao que é hoje. Quando passou por uma grande reforma em 1912, a estrutura atual foi definida.

Na década de 1940, uma filial foi aberta em Copacabana, bairro da moda na cidade. Com o esvaziamento do Centro na década de 1960, a confeitaria na Zona Sul passou a ser a mais visitada. Ela funcionou até 2003, na esquina da Avenida Nossa Senhora de Copacabana

a parte ruim dela e ficaram no Centro – conta Edmilson.

Um fato curioso é que os garçons não podiam receber gorjetas, para que não competissem e fizessem um bom serviço. Por outro lado, parte do lucro era dividido com os empregados no fim do ano. Lebrão criou um ditado, usado até hoje, que mostrava a preocupação com a qualidade da confeitaria: “O cliente tem sempre razão”.



2

com a Rua Barão de Ipanema, quando foi transferida para o Forte de Copacabana.

Ainda nos anos 1960, afetada por uma crise, a confeitaria foi vendida para uma marca interessada na geléia de mocotó, que era um dos destaques do cardápio. Mas anos depois, uma família comprou a Colombo e retomou a tradição do lugar.

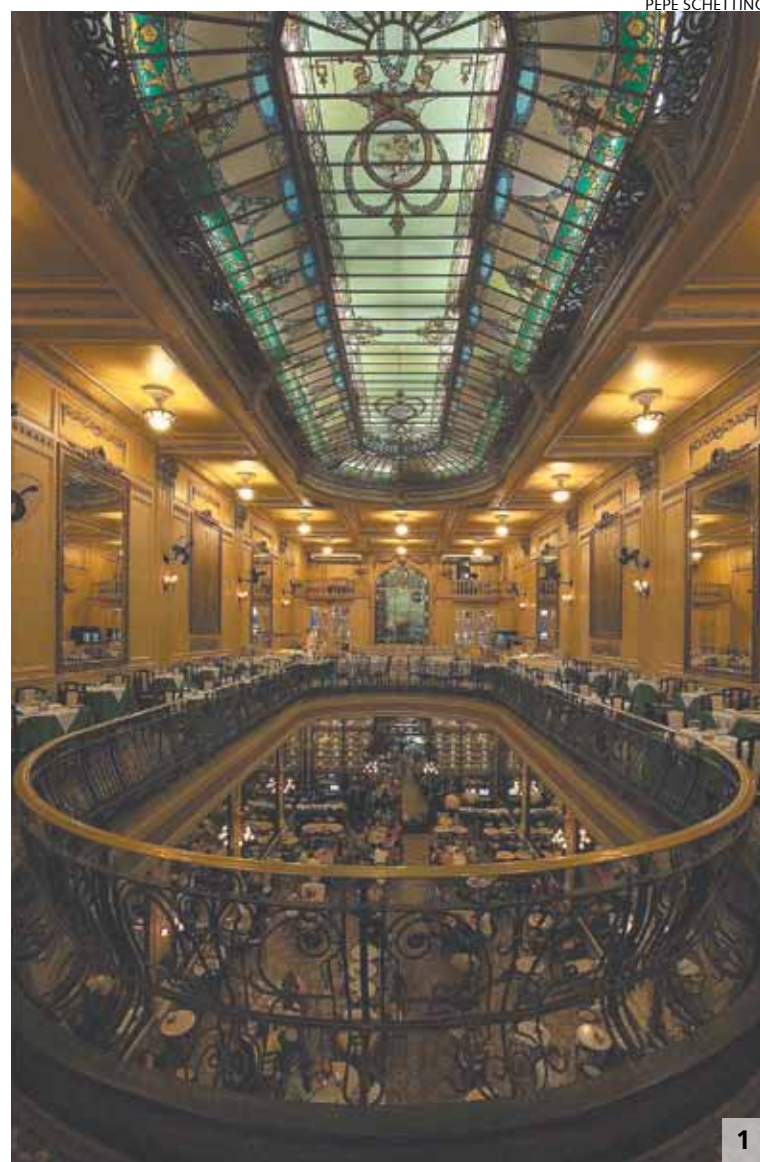
– Os novos donos investiram muito. Tentaram recuperar tudo o que foi vendido pelos antigos proprietários na época da crise, como pratos, louças antigas e vasos. Eles recuperaram várias peças, restauraram

Foto 1: Salão da Confeitaria Colombo, que passou por diversas mudanças na história

Foto 2: Com seu estilo clássico, a confeitaria era ponto de encontro de intelectuais e políticos

Foto 3: Em 1959. Reunião no horário de almoço na Colombo continua sendo tradicional

Foto 4: O salão térreo também era usado para solenidades na década de 1920



1

DIVULGAÇÃO CASA DA PALAVRA/ARQUIVO COLOMBO



3



4